

Comércio, política e ciência nas exposições internacionais

O Brasil em Turim, 1911. Parte 2

Trade, Politics and Science in World's Fairs

Brazil in Turin, 1911. Part 2

NELSON SANJAD

Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal do Pará

Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI

Av. Perimetral, 1901 - Terra Firme, Belém, PA, 66.077-530, Brasil

nsanjad@museu-goeldi.br

ANNA RAQUEL DE MATOS CASTRO

Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal do Pará

Travessa Quatorze de Abril, 1057 - São Brás, Belém, PA, 66.060-460, Brasil

annaraquelcastro@yahoo.com.br

RESUMO O artigo analisa a participação do Pará na Exposição Internacional da Indústria e do Trabalho em Turim, realizada em 1911. A mostra paraense reuniu, sobretudo, produtos oriundos do extrativismo e pode ser caracterizada pelo discurso científico, materializado, principalmente, pela presença de um renomado cientista na comissão organizadora, o botânico suíço Jacques Huber (1867-1914), à época diretor do Museu Goeldi, em Belém. As razões do destaque dado à ciência na exposição paraense de Turim e do envolvimento de um cientista em um certame comercial são estudadas a partir de três questões: as estratégias diplomáticas em jogo; o papel atribuído à ciência na organização da mostra; e as forças dissonantes na representação do país, perceptíveis

Recebido: 4 de agosto de 2015 | Aprovado: 24 de agosto de 2015

<http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752016000100007>

Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 32, n. 58, p. 141-173, jan/abr 2016

na dificuldade de elaborar um discurso nacional e na distância entre uma sociedade profundamente desigual e a imagem que se construiu dessa mesma sociedade. (A parte 1 deste artigo foi publicada na *Varia Historia*, vol. 31, n. 57, setembro-dezembro 2015).

PALAVRAS-CHAVE exposição, borracha, representação

ABSTRACT The article analyses the participation of the Brazilian State of Pará at the International Exposition of Industry and Work in Turin, 1911. The Pará exhibition brought together especially products from the extractivism and may be characterized by its scientific discourse, materialized mainly by the presence of a renowned scientist in the organizing committee, the Swiss botanist Jacques Huber (1867-1914), then Director of the Goeldi Museum in Belém. The reasons to highlight science in the Pará exhibition and for the involvement of a scientist in a commercial event are studied through the following questions: the diplomatic strategies that took place in Turin; the role given to science in the organization of this world's fair; and the dissonant forces in the representation of Brazil, noticeable on the difficulty of drawing up a national discourse and on the distance between a deeply unequal society and the image that was built of this same society. (The first part of this article was published in *Varia Historia*, vol. 31, n. 57, september-december 2015).

KEYWORDS exposition, rubber, representation

“PARA UMA REPRESENTAÇÃO CONDIGNA DO PARÁ”

A maior parte dos produtos paraenses foi recolhida entre agosto de 1910 e janeiro de 1911. No dia 19 de fevereiro, dois meses antes da abertura da exposição turinesa, foi inaugurada a Mostra Preparatória, montada nos salões térreos do Ginásio Paes de Carvalho, em solenidade que contou com a presença do governador e de “incomputável número de

cidadãos de todas as classes sociais”.¹ Durante uma semana, a mostra esteve aberta à visitação em sessões matinais, vespertinas e noturnas. Os jornais registraram a afluência do público e a diversidade de produtos expostos. Por exemplo, segundo a *Folha do Norte*, as seções melhor representadas foram as de madeira, com amostras provenientes de todos os municípios e espécies com aplicação em todo tipo de indústria, e a de artefatos domésticos. Além dos produtos agrícolas e extrativistas, havia também espaço para a exibição de objetos que promoviam uma “lição das coisas”, a exemplo de mapas do estado, de cartazes explicativos e de fotografias que retratavam a natureza amazônica e alguns processos de produção regionais, como a extração e defumação do látex. Outros objetos buscavam demonstrar o “grau de adiantamento intelectual” do estado, como as publicações do Museu Goeldi, as amostras do herbário da instituição e os estudos de Huber sobre a indústria da borracha, que gozavam de ampla credibilidade na região e no estrangeiro.²

A mostra preparatória foi organizada a partir dos boletins de inscrição preenchidos por cada expositor. Nestes, deveriam estar descritas a quantidade de produtos, a indústria ou categoria em que pretendiam concorrer e a procedência. A análise desses boletins revela que o universo de produtos disponíveis para seleção não era distinto do que foi, efetivamente, selecionado pela comissão, isto é, a comissão realmente trabalhou com o que lhe chegou às mãos, dentro dos critérios

1 As fontes são divergentes quanto à data de abertura da mostra preparatória. A mensagem do governador ao Congresso Estadual menciona o dia 23 de fevereiro, enquanto Martins *et al.*, o dia 28 de fevereiro. Preferimos adotar a data de 19 de fevereiro, conforme a cobertura jornalística da época. Ver COELHO, J. A. L. *Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1911 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. João Antonio Luiz Coelho, Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1911, p. 16; MARTINS, J. A. R.; ABREU, J. P. G.; HUBER, J. *Estado do Pará na Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim, 1911*. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, Governador do Estado, pela Delegação Paraense. Paris: Kauffmann, 1911, p.13; EXPOSIÇÃO DE TURIM – Abertura da Exposição Prévia dos Produtos Paraenses. *Jornal Folha do Norte* (Belém), p.1, 20 fev. 1911.

2 EXPOSIÇÃO DE TURIM..., p.1.

que estabeleceu de qualidade e quantidade.³ Todo o processo de conferência dos boletins e seleção dos produtos foi coordenado por Huber, que, uma vez encerrada a mostra preparatória, organizou a lista do que seria enviado a Turim, indicando a proveniência e os respectivos proprietários. A embalagem dos produtos e o transporte para o Rio de Janeiro também foram supervisionados por Huber, que pessoalmente despachou os volumes ao Museu Comercial em 18 e em 30 de março.⁴

Huber partiu para a Europa em 20 de abril e chegou a Turim em meados de maio, após deixar a família na Suíça. Foi o único membro da comissão organizadora local nomeado delegado do Pará em Turim, por duas razões: nas palavras do governador, pelos seus conhecimentos científicos, “notadamente no que concerne à propaganda da borracha, tão necessários se faziam à seção paraense”; e pelos “notáveis e profícuos esforços, dedicação a toda prova na organização do certâmen preparatório, a que assistiu com diligência e assiduidade”. Os outros dois delegados não participaram do processo de organização, encontrando-se com Huber já na Itália. Abreu fora nomeado delegado em razão dos “excelentes serviços que prestara ao Estado por ocasião da Exposição Nacional de 1908” e Martins, sendo o cônsul brasileiro na Itália, cuja residência era Gênova, por razões diplomáticas.⁵

Em 24 de maio, Huber escreveu a Martins, informando que já se encontrava em Turim e que, assim como Abreu, estava “às ordens” do cônsul. Pediu, ainda, orientações sobre como proceder em razão do “estado de atraso em que se acham os serviços da exposição brasileira”. A mostra internacional já havia sido inaugurada, mas os pavilhões do

3 Boletins provisórios dos expositores. Impressos/manuscritos. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo Museu Paraense, Gestão Jacques Huber, Série Congressos e Exposições (doravante, MPEG/AGLP).

4 Carta de Jacques Huber a Enéas Calandrini Pinheiro, Secretário da Comissão Promotora da Representação do Estado do Pará na Exposição Internacional de Turim. Belém, 18 mar. 1911; Carta de Jacques Huber a Enéas Calandrini Pinheiro, Secretário da Comissão Promotora da Representação do Estado do Pará na Exposição Internacional de Turim. Belém, 30 mar. 1911. Manuscritos. MPEG/AGLP.

5 COELHO, J. A. L. *Mensagem...*, p.16-17.

Brasil estavam inacabados e os mais de 700 volumes despachados pelo Museu Comercial do Rio de Janeiro sequer haviam chegado na Itália. Enquanto aguardavam o material, por solicitação do comissário geral, Huber e Abreu organizaram a seção de madeiras, mencionando o destaque que haviam dado às amostras paraenses, levadas pessoalmente por Abreu.⁶ Martins respondeu poucos dias depois, reiterando que ambos aproveitassem o ensejo “para que o Pará e mesmo o Amazonas ocupem nesse ramo [madeiras] o lugar principal a que têm direito”, mas nada comentou sobre o atraso na conclusão dos pavilhões brasileiros.⁷

Em dois de junho, nova carta de Huber dava notícias sobre a mostra brasileira, mas desta vez ao governador. Segundo Huber, Martins ainda não havia aparecido em Turim, mas a organização dos produtos paraenses havia sido iniciada por ele próprio e por Abreu, graças ao acolhimento que ambos receberam de Rezende, o comissário geral. Na avaliação de Huber, os produtos paraenses tinham boa qualidade se comparados com os dos demais estados e certamente seriam expostos com destaque, pois tanto ele quanto Abreu haviam sido encarregados da organização de várias seções, “não só para o nosso Estado, mas para todo o Brasil”. Os primeiros volumes começavam a chegar, o que havia permitido o início do “trabalho ativo” nos pavilhões. Concomitantemente, Huber aproveitava o tempo livre para se informar com “algumas pessoas competentes” sobre as condições do comércio da borracha na Itália e sobre a possibilidade de estabelecer uma linha de navegação direta com o Pará.⁸

Martins chegou a Turim somente no dia 10 de junho, véspera de Huber partir para Londres, onde iria representar o Pará na Segunda Exposição Internacional da Borracha. O cônsul brasileiro e chefe da delegação paraense não interferiu no trabalho já executado e retornou

6 Carta de Jacques Huber a João Antônio Rodrigues Martins, Cônsul Geral do Brasil em Gênova. Turim, 24 maio 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

7 Carta de João Antônio Rodrigues Martins a Jacques Huber. Gênova, 27 maio 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

8 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado do Pará. Turim, 02 jun. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

a Gênova. A julgar pela correspondência entre Huber e Abreu, Martins deixou o serviço inteiramente ao encargo de ambos. Pouco antes da abertura do pavilhão brasileiro, Abreu fez um breve relato ao colega, já em Londres, sobre o estado em que a mostra iria ser inaugurada: “Inquestionavelmente, a seção de madeiras é a que até hoje tem merecido mais elogios (...). A seção de mineralogia também é digna de menção, as demais foram feitas com poucos produtos que havia, e francamente têm uma aparência pobre”. A essa altura, mais de 500 volumes enviados do Rio de Janeiro aguardavam em Gênova o transporte para Turim, o que faria com que a “lacuna” desaparecesse em breve.⁹

Apesar da “aparência pobre”, o pavilhão brasileiro em Turim foi inaugurado com grande pompa. O *Estado de São Paulo*, que havia enviado um correspondente especial para a cobertura da mostra, descreveu em detalhes a solenidade: no dia 22, foram oferecidos um almoço à imprensa e, pela noite, um banquete ao comissário geral; no dia 23, o ato de inauguração oficial reuniu a “elite da sociedade turinense [sic] e das colônias estrangeiras”, com discursos que exaltaram os pavilhões “suntuosamente elegantes” e de “aspecto riquíssimo”, o “desenvolvimento grandioso e surpreendente” da Itália e a “grande festa universal do trabalho”. Em seguida, um banquete no “luxuosíssimo” Grand Hotel d’Europe foi oferecido à comissão organizadora da exposição e ao governo italiano. Os seis discursos celebraram a “amizade” entre os dois países, manifesta na “soberba organização dos pavilhões” brasileiros, seguidos do hino nacional e da profonia da ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes. Pela noite, uma “recepção de gala” reuniu autoridades, comissários estrangeiros, imprensa e a “elite social” de Turim, ao som de música brasileira tocada por uma “excelente orquestra”. Em meio às animadas festas, o jornalista Ancona Lopez sentenciou: “embora ainda incompleta, a exposição brasileira causou magnífica impressão”.¹⁰

Essa não era a opinião de Abreu, que via apenas pobreza e confusão. Nos bastidores, longe do olhar da imprensa e dos ilustres convidados,

9 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 19 jun. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

10 Itália. *O Estado de São Paulo* (São Paulo), n. 11.879, p.1, 24 jun. 1911.

reinava “grande balburdia”, provocada pela chegada, na véspera da inauguração, de mais de 400 volumes. Segundo Abreu, não havia espaço para o desencaixotamento e a visita da alfândega, sendo tudo “atirado pela malta embaixo do pavilhão, (...) [cujo] terreno [é] na maior parte úmido”. Era necessário enorme esforço para localizar e retirar de lá os volumes com produtos paraenses, inclusive o que continha os boletins para a identificação de cada item, bastante danificado. Para contornar o problema, Abreu se prontificou a administrar o depósito, proibindo que nada fosse retirado de lá sem o seu consentimento. Conseqüentemente, ficou responsável pela supervisão de vários *stands* e pôde reservar um bom espaço para o *stand* da borracha, no mesmo vestíbulo do Pavilhão Central onde haviam sido penduradas as telas que ilustravam a coleta e a defumação do látex.¹¹

Enquanto Huber estava em Londres, Abreu queixou-se a ele, repetidas vezes, da sobrecarga de trabalho, da desorganização da comissão brasileira e da falta de empenho de seus colegas. No final de junho, ele escreveu: “pois da comissão numerosa que meu amigo já conhece, muito pouco são os que trabalham, mas que não faltam contudo às festas da inauguração, estando eu *au grand complet*”.¹² No início de julho, mais reclamações: “é tal a balburdia que aqui vai, quanto à retirada dos volumes (e sua classificação) dos armazéns escuros e alagados (em parte) onde os atiram a esmo, que sinto-me [*sic*] impotente, em sozinho [evitar] o mal”. Segundo Abreu, foram contratados poucos homens – “a título de economia” – para ajudar no serviço, “na maior parte vadios e malandros, que de nada entendem e que tudo compreendem, perdendo boletins, misturando mercadorias, perdendo etiquetas, enfim, procurando todos os meios para ainda maior ser a confusão”. No meio do serviço, Rezende “retirou-se” para a Noruega, ficando “menor ainda o número daqueles que querem trabalhar no seio da comissão”. A essa altura, Abreu já estava responsável por todo o andar superior do Pavilhão Italiano, pois o encarregado local “não podia contar com os auxiliares vindos do Rio

11 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 29 jun. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

12 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 29 jun. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

de Janeiro, salvo raríssimas exceções”. Segundo ele, “em parte estimei [o encargo], pois aproveito para melhor colocar os nossos produtos”.¹³

A crescente responsabilidade de Abreu gerou conflitos. Ele priorizava os produtos paraenses, ficando evidente a “regularidade” com que eram expostos, em “contraste com a misturada que se nota dos outros Estados”.¹⁴ Em meados de julho, relatou a Huber a disputa que se estabeleceu com um delegado de São Paulo, nos seguintes termos: “Temos aqui um delegado de S. Paulo, que é um verdadeiro macaco em armazém de louças, em tudo quer meter o bedelho, sem, contudo, ter antecipadamente um plano. Por várias vezes tem querido interferir na seção das madeiras, ao que me tenho formalmente oposto”.¹⁵ Segundo Abreu, este delegado paulista conseguiu evitar que o *stand* da borracha fosse montado no vestíbulo do Pavilhão Central, portanto à entrada da mostra de café. Abreu contornou a situação e obteve, em troca, um espaço ainda maior no pavimento térreo do Pavilhão Italiano, junto à elogiada seção de madeiras.

Huber retornou de Londres a Turim em 22 de julho, levando consigo todas as amostras de borracha que conseguira obter junto a importadores ingleses, pois a quantidade enviada do Pará revelou-se muito pequena e incompleta. Abreu já o tinha advertido que a expectativa com relação a esse *stand* era grande e que seria “uma vergonha” organizar a mostra somente com a borracha disponível em Turim.¹⁶ No início de agosto, os trabalhos de organização da seção da borracha ainda não haviam terminado, conforme o relato de Huber ao governador João Coelho. Ele se disse “tão cansado e deprimido moralmente que as minhas forças mal chegam para dar conta dos serviços mais urgentes que ainda me restam aqui a fazer na arrumação do resto dos produtos paraenses e na nossa contribuição ao catálogo geral”.¹⁷ O cansaço também havia abatido

13 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 07 jul. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

14 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 07 jul. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

15 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 16 jul. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

16 Carta de Jayme Abreu a Jacques Huber. Turim, 07 jul. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

17 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Pará. Turim, 04 ago. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

Abreu, que precisou se retirar por alguns dias para cuidar da saúde. Huber, então, se viu na mesma posição que o colega estava, tendo de organizar sozinho a representação do Pará e, ao mesmo tempo, assessorar o novo comissário geral, Costa Sena, na reorganização do Pavilhão Italiano. Em 24 de agosto, Huber desabafou com o amigo: “Mas que vida de cachorro! Às vezes me vêm até ideias de suicídio! Talvez com a sua volta isso há de melhorar! Tenho ainda esta esperança”.¹⁸

Somente no início de setembro, mais de quatro meses após a abertura da grande exposição de Turim e faltando um pouco mais de dois meses para o seu encerramento, os pavilhões brasileiros estavam finalmente concluídos. Ficaram prontos às vésperas do início dos trabalhos do júri internacional. Huber escreveu ao governador do Pará no dia 4 de setembro, informando que o júri iria se reunir no dia seguinte e confirmando o que Abreu já comentara: “O número dos que realmente trabalham no pavilhão do Brasil é tão limitado, que precisa-se [*sic*] de um esforço quase sobre-humano para chegar a um resultado satisfatório”. Ainda segundo Huber, ele e Abreu tiveram “de lutar contra inúmeras dificuldades para conseguir o nosso fim, isto é, uma representação condigna do Pará”. Ambos trabalhavam “todos os dias da manhã até a noite e temos ainda a impressão que nunca acabaremos o serviço, porque a quantidade e a variedade de produtos são tão grandes como talvez em nenhum outro pavilhão”.¹⁹ Esse relato revela não apenas a inexistência de um plano para a exposição nacional, como já havia criticado Abreu, como também um enorme vácuo entre os propósitos da exposição turinesa e a frágil imagem que um país não industrializado – e que exportava, basicamente, café e borracha – conseguia produzir sobre si mesmo.

A própria seção da borracha demonstrava as inconsistências da imagem de país ‘moderno’ e ‘civilizado’, que tanto preocupava a comissão brasileira. É possível conhecer o conteúdo do *stand* da borracha por meio de um texto que Huber publicou na revista *L'Italie Illustrée*, publicada

18 Carta de Jacques Huber a Jayme Abreu. Turim, 24 ago. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

19 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Pará. Turim, 04 set. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

em Turim e custeada pelos italianos residentes no Brasil. O texto inicia informando que a borracha era o segundo produto em exportação do Brasil, responsável por mais de 40% das divisas recebidas pelo país em 1910. Natural, portanto, que o *stand* ocupasse um lugar central na “magnífica exposição das riquezas naturais do Brasil”. Como as ‘bolas’ e os ‘pães’ enegrecidos da Pará-fina, os blocos de sernambi e as placas de maniçoba e mangabeira não foram considerados “objetos decorativos”, fotografias e amostras herborizadas de plantas gomíferas, pertencentes ao Museu Goeldi, foram fixadas nas paredes centrais do *stand*, “clareando um pouco o aspecto sombrio do conjunto” (Figura 5). Segundo Huber, a “multidão que se aglomera em torno do *stand* comprova que ele não deixa de ser interessante”.²⁰



Figura 1. Fotografia publicada em Martins *et al.* (1911, p.77), com a seguinte legenda: “Vista do ‘Stand’ da Borracha do Pará. (Organizado segundo o plano traçado pelos Delegados Paraenses). Exposição Internacional de Turim 1911”.

20 HUBER, J. Le Stand du Caoutchouc au Pavillon du Brésil. *L'Italie Illustrée*, ano 10, n. 26, p.546, 1911.

Entre os objetos ali expostos, Huber destacou a borracha coletada no Amazonas e no Acre, considerada a de melhor qualidade existente e que valeu uma medalha de ouro especial à Associação Comercial do Amazonas na Exposição Internacional da Borracha, realizada pouco antes em Londres; “as belas folhas de borracha preparadas à moda do Ceilão [Sri Lanka] por M. Monteiro da Costa, um dos seringueiros mais inteligentes e mais empreendedores do rio Madeira”; uma coleção de sementes de *Hevea*, com “grandes variações no tamanho, na forma e na cor, que fazem entrever a possibilidade de fazer, um dia, a seleção das que melhor produzem látex”; um conjunto de fotografias pertencentes ao Museu Goeldi, mostrando a coleta e a defumação da borracha e alguns experimentos realizados no jardim botânico da instituição; e um outro conjunto de fotos de uma jovem plantação de *Hevea brasiliensis* nos arredores de Belém, organizada pela Diretoria de Agricultura do Pará. Huber também menciona os enormes blocos de borracha enviados pelo Mato Grosso, onde havia “imensas reservas de *Hevea*” à espera de vias de acesso, e as amostras de maniçoba e mangabeira produzidas nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Minas Gerais.

As maiores novidades, contudo, foram apresentadas pelo estado do Pará. Huber menciona três processos tecnológicos, uma máquina e um instrumento, que representavam a modernização do modo de produção amazônico e demonstravam uma salutar aliança entre seringueiros, empresários e cientistas para o aperfeiçoamento da borracha local. O primeiro processo foi desenvolvido por Carlos de Cerqueira Pinto, médico de tradicional família baiana que costumava viajar pelo interior da Amazônia e observou os efeitos deletérios dos gases oriundos da defumação da borracha sobre a saúde dos seringueiros. O método tradicional usava sementes da palmeira urucuri (*Attalea phalerata* Mart. ex Spreng.) para a coagulação do látex, gerando uma reação química que produzia metanol. Eram recorrentes os casos de seringueiros com pneumonia, tuberculose, queimaduras e até cegueira, motivando o Dr. Cerqueira Pinto a criar um método de coagulação que, ao mesmo tempo, preservasse as propriedades químicas da borracha e a saúde do seringueiro. O método Cerqueira Pinto, como ficou conhecido, consistia na

adição, ao látex, de um preparado chamado lactina, que prescindia da defumação e produzia uma borracha com boa elasticidade, resistência e durabilidade, classificada como superfina nos Estados Unidos.²¹ Segundo Huber, “com um entusiasmo de todo juvenil, Sr. Cerqueira Pinto espera que o seu processo venha a substituir completamente a borracha defumada”.²²

O segundo processo foi desenvolvido por Manoel Vianna Coutinho, mas Huber não o descreve em detalhes. Ele apenas comenta que tinha por finalidade acelerar a defumação do látex, tornando-o menos prejudicial à saúde do seringueiro. O terceiro processo, ainda mais enigmático, era de autoria de um “simples seringueiro de Portel”. Segundo Huber, ele criou um método “inteiramente novo” para a vulcanização da borracha, “em contradição com tudo o que se conhece até o momento sobre as propriedades físicas e químicas da borracha”. Huber não esclarece do que se trata e nem informa o nome desse inventor, mas afirma que a amostra de borracha ali exibida, vulcanizada por esse processo revolucionário, era talvez o objeto “de maior interesse científico e comercial” do *stand*.²³

A máquina anunciada como inovação foi criada pela empresa Danin & Mello, a partir do antigo “aparelho de fumigação” de Coutinho, patenteado em 1887. Ela servia para “melhorar” e acelerar o processo de defumação, evitando que ele fosse realizado lentamente à mão. Consistia em um “cilindro oco de zinco, no qual se despeja o látex, que, por uma rotação lenta do primeiro [cilindro], adere em uma camada fina à sua face interna, sendo exposta à fumigação que é dirigida ao interior por uma pequena chaminé curva”. As vantagens seriam o menor

21 O método Cerqueira Pinto foi patenteado pelo seu inventor e objeto de intensa propaganda do governo paraense nas exposições nacionais e internacionais a partir de 1908, pois prometia uma borracha de qualidade superior e a superação de um modo de produção considerado primitivo e visto com desconfiança pelos importadores, pois muitos seringueiros adicionavam pedras no látex para adulterar o peso das ‘bolas’ de borracha. O novo método não chegou, contudo, a substituir o modo de produção tradicional.

22 HUBER, J. Le Stand du Caoutchouc..., p.547.

23 HUBER, J. Le Stand du Caoutchouc..., p.548.

tempo necessário ao processo e a forma do produto final, uma ‘pele’ em vez de ‘bola’, de mais fácil transporte.²⁴ O último destaque de Huber é dado a uma coleção de machadinhos, exposta em vitrines, que eram os instrumentos usados pelos seringueiros para ‘sangrar’ as árvores, isto é, provocar o derramamento do látex por meio de incisões no caule. Entre eles, havia um modelo inventado pelo próprio Huber, que prometia aumentar a produtividade e evitar riscos à saúde da árvore, pois não danificava o caule ao restringir o corte apenas à casca e entrecasca, onde corre o látex.

Esse conjunto de inovações tocava em todas as críticas feitas ao modo de produção amazônico, oferecendo soluções e garantindo a satisfação dos importadores. A faca-de-Huber, como ficou conhecido o instrumento de sangria inventado por ele, aumentava a produtividade por seringueiro e prolongava a vida útil da árvore. Os novos processos de produção de borracha, seja por meio da rápida defumação, seja apenas pela coagulação, garantiam a saúde da mão-de-obra e tentavam evitar as fraudes na elaboração das ‘bolas’ – razão de insistentes reclamações dos importadores, que, ao parti-las, encontravam toda sorte de impurezas misturadas ao látex coagulado. Vinham daí as maiores críticas à borracha amazônica, motivadas não apenas pelo prejuízo financeiro dos importadores, mas também por dificultar a etapa de limpeza e filtragem no processo de vulcanização. Huber reuniu, portanto, os objetos que pareciam demonstrar a modernização da economia amazônica, anunciando que a superação dos problemas estava em curso e merecia o total apoio dos governos locais.

Há, contudo, um silêncio constrangedor no texto de Huber, assim como no *stand* organizado por ele: o seringueiro e o seu trabalho estavam ausentes. Entre as folhas herborizadas das árvores gomíferas e as amostras de borracha, há um vazio na narrativa expográfica, provocado pela omissão na representação do trabalhador responsável pela extração e defumação do látex. As poucas fotos exibidas pelo Museu Goeldi e as duas telas encomendadas pela comissão paraense, mas penduradas no

24 HUBER, J. Le Stand du Caoutchouc..., p.547.

hall de outro pavilhão, não eram suficientes para informar sobre como eram produzidas aquelas ‘bolas’ e ‘peles’ enegrecidas, que tanto interesse geravam na sociedade europeia. A fita cinematográfica sobre o assunto, sugerida por Huber, não foi contratada pelo governo paraense, assim como não houve interesse em valorizar uma categoria profissional que sustentava toda a economia amazônica. O modo de vida e as relações de trabalho do seringueiro, já longamente estudados como sendo conflituosos, de extrema dificuldade e próximos a uma forma de escravidão moderna, permaneciam invisíveis ao público da exposição, que, dessa maneira, seguia iludido pela imagem de uma república democrática que se pretendia civilizada, mas que era, em última instância, profundamente excludente. Convinha elidir, portanto, tudo o que lembrasse a desigualdade social brasileira.

CIÊNCIA E DIPLOMACIA

O auge de qualquer exposição internacional é o momento em que o júri começa a atuar, isto é, a avaliar e selecionar os melhores produtos e/ou expositores, conferindo-lhes prêmios variados. No caso da mostra turinesa, cada classe de objetos possuía um júri, formado por um presidente, um vice-presidente, um secretário relator, três ou cinco jurados efetivos e um suplente. Por sua vez, todos os presidentes dos júris de classe formavam o júri do grupo que reunia as classes afins e que tinha como finalidade deliberar sobre possíveis reclamações. Havia, ainda, um júri superior, formado por 35 jurados, que regulamentava o processo, supervisionava a premiação e também atuava como uma mesa de desembargo na solução de conflitos e dúvidas. Os júris de classe e superior eram formados por representantes de todos os países participantes, em número proporcional à área ocupada e à quantidade de expositores. Quanto maior a área e mais expositores, mais vagas de jurados um país tinha direito. O Brasil, por exemplo, com 3.061 expositores e 8.687 metros quadrados ocupados, teve direito a duas presidências de júri de classe, sete vice-presidências e 98 vagas de jurados; uma presidência de júri de grupo, duas vice-presidências e seis vagas de jurados; e, ainda,

duas vagas no júri superior, ocupadas pelo cônsul brasileiro e delegado paraense Antônio Martins e por Francisco de Avellar Figueira de Mello, do Museu Comercial do Rio de Janeiro. Essa foi uma das maiores representações no júri internacional, somente inferior à italiana, francesa, alemã, inglesa e argentina.²⁵

O poder de negociação dos comissários de cada país era testado, principalmente, na capacidade de indicar pessoas para compor os júris que interessavam ao respectivo país. Essa era uma ação estratégica para que o país angariasse boas premiações. O comissário geral do Brasil, Costa Sena, parece ter sido hábil na formação dos júris de classe que poderiam dar algum destaque aos expositores brasileiros. Por exemplo, a presidência das classes 79-80 (Economia florestal) coube a Huber, enquanto a vice-presidência da classe 141 (Borracha) foi ocupada por Abreu.²⁶ Nos júris de grupo, ambos voltaram a ocupar posições importantes, Huber na vice-presidência do grupo XV (Silvicultura e indústria florestal) e Abreu na presidência do grupo XXII (Couro e indústrias diversas), a única a ser ocupada por um brasileiro. Os dois foram devidamente instruídos por Costa Sena sobre como deveriam atuar em favor dos expositores brasileiros, observando com atenção cada produto para verificar a possibilidade de prêmios e fundamentando muito bem cada pedido de premiação. Em ofício expedido pouco antes do início do trabalho do júri, Costa Sena recomendou que Huber evitasse conflitos na avaliação dos produtos e procurasse “harmonizar” seus esforços com os dos demais jurados, “de modo a facilitar o trabalho (...) e conseguir

25 Somente Itália e França, contudo, tinham mais expositores que o Brasil. Os demais países organizaram exposições bem mais específicas, embora com maior área. Eram tantas as vagas destinadas ao Brasil nos mais diferentes júris de classe que Costa Sena teve de recorrer a delegados franceses e italianos para representarem os interesses brasileiros, pois a delegação nacional não era grande o suficiente. Ver ESPOSIZIONE INTERNAZIONALE DELL'INDUSTRIA E DEL LAVORO. *Torino 1911*. Relazione della Giuria. Torino: Officine Grafiche della S.T.E.N., 1915.

26 A presidência da classe 141 foi ocupada por Henri-Gaspard Lamy-Torrilhon, engenheiro químico francês que se especializou em estudos químicos e mecânicos da borracha. A outra presidência do júri de classe a que o Brasil tinha direito foi ocupada pelo engenheiro Jorge de A. Ferraz na classe 142 (Amianto).

os mais vantajosos resultados”.²⁷ Posteriormente, Costa Sena cobrou um relatório sobre todos os expositores brasileiros premiados na classe 79, os não premiados e os não julgados, pedindo ainda as razões que militaram a favor ou contra cada expositor, de maneira que o comissariado pudesse “aparelhar-se para, com segurança, defender os direitos dos expositores brasileiros que lhes [sic] foram confiados”.²⁸

O trabalho dos júris de classe finalizou em 15 de setembro e o dos júris de grupo iniciou uma semana depois. Em todo esse período, Huber manteve o governador do Pará devidamente informado sobre o desempenho de seus delegados: “obtivemos para o Pará não só uma colocação boa dos seus produtos, como também lugares honrosos no júri”. Segundo Huber, ele iria ocupar-se “das madeiras, fibras e outros produtos florestais, sendo por isso conseguido uma das mais importantes [classes] com que o Brasil está representado”. Advertia, contudo, que “essa combinação, naturalmente, não exclui a minha ação em defesa de nossa borracha, cuja exposição merece de todos os visitantes os mais vivos elogios”.²⁹ Findo o trabalho do júri de classe, Huber antecipou que os resultados eram “satisfatórios para o estado, não só pelo número dos prêmios obtidos, como também pela participação dos delegados paraenses nos diversos júris”.³⁰ Por fim, ao serem iniciadas as atividades do júri superior, em 2 de outubro, Huber louvou a atuação de Martins – um “defensor habilíssimo dos direitos do Pará”, que estaria garantindo ao estado uma das maiores premiações da mostra.³¹

O resultado do trabalho de Costa Sena e dos jurados brasileiros pode ser medido, de fato, pela grande quantidade de prêmios obtidos. No grupo XV (Silvicultura e indústria florestal), foram 313 prêmios para

27 Ofício de Joaquim Costa Sena a Jacques Huber. Turim, 02 set. 1911. Datiloscrito. MPEG/AGLP.

28 Ofício de Joaquim Costa Sena a Jacques Huber. Turim, 14 set. 1911. Datiloscrito. MPEG/AGLP.

29 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado do Pará. Turim, 04 set. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

30 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado do Pará. Turim, 25 set. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

31 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado. Turim, 04 out. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

365 expositores, a maior premiação de toda a mostra para este grupo.³² No grupo XXII (Couro e indústrias diversas), foram 113 prêmios para 113 expositores, ficando o Brasil atrás da Itália, com 154 prêmios para 154 expositores. Nesse último grupo foram contabilizados os 20 prêmios para os expositores paraenses de borracha, incluindo o *Hors Concours* de Huber e as amostras botânicas do Museu Goeldi.³³ Outros resultados positivos para o Brasil também podem ser auferidos da correspondência entre Costa Sena e Huber. Por exemplo, após a divulgação da premiação e auferida a superior qualidade dos produtos amazônicos por meio de um extenso rol de Grandes Prêmios e Medalhas de Ouro, o comissariado brasileiro recebeu uma proposta de compra de todo o mostruário de borracha por parte de uma empresa italiana, o que era um excelente indício de que os investimentos feitos na exposição iriam ser revertidos em benefício do comércio entre os dois países, isto é, de que a aposta em um mercado alternativo para a borracha amazônica, feita pelo governo paraense, era viável.³⁴ O mesmo aconteceu com a madeira, objeto de pedidos de informações por parte de empresários e representantes de vários países, dos Estados Unidos à Pérsia (atual Irã).³⁵ O interesse pelos produtos paraenses, desde o início da exposição, fez com que Huber logo identificasse o entrave para a expansão do comércio amazônico não na falta de interesse dos importadores, e sim na falta de “iniciativa” e “seriedade” dos comerciantes paraenses. Em carta ao governador, Huber afirmou: “muita gente queria entrar em relações comerciais com o Pará

32 “Relazione del Lavoro fatto dalla Giuria delle Classi 79-80 sull’esame degli Espositori”. Turim, 15 set. 1911. Datiloscrito. MPEG/AGLP.

33 ESPOSIZIONE INTERNAZIONALE DELL’INDUSTRIA E DEL LAVORO. *Torino 1911*.

34 A proposta não foi aceita, pois a maior parte do mostruário deveria retornar aos seus proprietários no Brasil. Memorando de Joaquim Costa Sena, Comissário Geral do Brasil, para Jacques Huber, Delegado do Estado do Pará na Exposição Internacional de Turim. Turim, 17 nov. 1911. Datiloscrito; Memorando de Jacques Huber a Joaquim Costa Sena, Comissário Geral do Brasil na Exposição de Turim. Turim, 21 nov. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

35 Ofício de Joaquim Costa Sena, Comissário Geral, a Jacques Huber, Pavilhão do Brasil. Turim, 20 out. 1911. Datiloscrito; Ofício de Jacques Huber a Joaquim da Costa Sena, Comissário Geral do Brasil na Exposição Internacional de Turim. Turim, 23 nov. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

e me parece que depende apenas da iniciativa e da seriedade dos comerciantes aí, para que este comércio tome proporções avultadas e resulte em benefício para o Estado”.³⁶

Outro entrave era a inexistência de uma linha de navegação entre a Itália e o norte do Brasil. Huber também foi acionado pelo governador para negociar uma linha não subsidiada entre Gênova e Belém, de maneira a viabilizar a importação de borracha pela Itália, sem a intermediação da Inglaterra. Essa demanda havia sido colocada pelo governador para o cônsul Martins, mais habilitado para tal, mas, segundo Huber, ele se mostrou, desde o início, “bastante cético a respeito da probabilidade desta empresa”.³⁷ Huber apelou, portanto, para outros colaboradores, como Filinto Santoro, um arquiteto italiano com atuação destacada no Brasil. Santoro viveu no Pará entre 1903 e 1913, quando assumiu também a posição de cônsul italiano. Foi ele quem conseguiu colocar Huber em contato com “alguns dos principais fabricantes de borracha italianos”, como também com “o Sr. Dr. [Enrico de] Marinis, ex-ministro de Instrução Pública do Reino d’Itália e indicado como futuro ministro do Exterior”. Segundo Huber, o deputado Marinis era um dos mais influentes políticos da Itália e, graças a Santoro, aceitou interceder em favor do Pará na Comissão de Comércio Exterior desse país, que deveria se pronunciar favoravelmente para que a nova linha de navegação fosse implementada.³⁸

Como parte da estratégia de convencimento do governo italiano, Huber redigiu um “Memorando sobre as vantagens de uma linha de navegação direta entre Gênova e os portos da Amazônia (Brasil)”, assinado pelos três delegados paraenses e entregue ao deputado Marinis por Santoro. Nele, reitera-se a necessidade de incrementar as relações

36 Carta de Jacques Huber, Diretor do Museu Goeldi, ao Governador do Estado do Pará, Dr. João Coelho. Turim, 04 ago. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

37 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado do Pará. Turim, 25 set. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

38 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado do Pará. Turim, 25 set. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

entre a Itália e o norte do Brasil por meio de uma linha de navegação, de maneira a evitar “atrasos consideráveis” e “despesas aumentadas”, provocados pelo transbordo de passageiros e mercadorias em outros portos. Para tal linha, o governo do Pará garantia um porto amplo e moderno, já em construção, e medidas sanitárias para erradicar a febre amarela, também em curso, “um ponto da mais alta importância” para a tripulação dos navios e para os viajantes que desejassem passar uma temporada em Belém. A linha seria bastante vantajosa para o público consumidor e para as indústrias italianas, que costumavam adquirir produtos amazônicos através de revendedores em outros países europeus. Eram os casos das 700 toneladas de borracha importadas pela Itália anualmente, compradas de comerciantes ingleses, belgas e franceses, e do cacau, importado da França. Havia, ainda, transações a serem inauguradas, como a de madeiras para dormentes de estradas de ferro e outros produtos que podiam ser vistos e avaliados na exposição de Turim. Por sua vez, ao Pará também interessava importar produtos diretamente da Itália, evitando a intermediação de casas portuguesas, como vinha acontecendo.³⁹

Huber mostrou-se bastante otimista com a receptividade da ideia por parte da Câmara de Comércio de Gênova, acreditando que somente a diferença no preço da borracha, em favor dos importadores italianos, seria suficiente para a instalação de uma empresa de navegação que operasse a rota. Contudo, para o governador João Coelho, ele sugeriu rever a ideia de uma companhia não subsidiada, pois talvez fosse necessário, como medida de incentivo, “uma garantia de interesses à companhia que compreenderá esta linha de navegação” por parte dos governos dos estados do Pará e Amazonas.⁴⁰ Conforme a correspondência entre Huber e o governador trocada em setembro e outubro de 1911, o assunto parecia ser tratado com celeridade entre os italianos. A experiência de Huber como diretor de uma instituição científica na Amazônia e a sua posição

39 MARTINS, J. A. R.; ABREU, J. P. G.; HUBER, J. *O Estado do Pará...*, p.82-86.

40 Carta de Jacques Huber a João Coelho, Governador do Estado do Pará. Turim, 25 set. 1911. Manuscrito. MPEG/AGLP.

de cientista renomado em meio ao júri internacional da mostra turinesa parecem ter facilitado o acesso a empresários e autoridades italianas, que receberam com algum interesse a proposta de uma nova linha transoceânica a partir de Gênova.

Embora a linha não tenha se efetivado em razão da guerra ítalo-turca, deflagrada em outubro de 1911, o episódio demonstra bem o raio de ação de Huber, que assumiu funções de diplomata desde que chegou a Turim. Essas funções implicavam não apenas a concepção e montagem da exposição brasileira, ou a representação dos interesses do estado do Pará em um mercado emergente e alternativo, ou ainda a participação no júri internacional, mas também a própria definição de estratégias e a articulação política visando à solução de um problema estrutural para a economia amazônica, em estreita conexão com a principal autoridade pública do Pará. Essas atividades de bastidor, que se desenvolvem em um ambiente fora do alcance do conhecimento público, mas nas quais resoluções são tomadas e ações são empreendidas, e cujas consequências podem afetar toda a coletividade, são completamente invisíveis em fontes oficiais e públicas, assim como insuspeitas por extrapolarem o papel que se espera de um botânico contratado por um museu de história natural. Essas mesmas atividades são, contudo, claramente perceptíveis quando se diversifica as fontes e se amplia a análise – e inteiramente coerentes com o meio social por onde circulavam os cientistas na Primeira República brasileira, entre a produção de ideias e a ação política.⁴¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais argumentos da historiografia brasileira dedicada às exposições nacionais e internacionais é a existência de um reiterado paradoxo na imagem construída sobre o país nesses eventos. Desde os estudos pioneiros de Neves, enfatiza-se a forma como o Brasil foi representado, sob os signos da ‘modernidade’ e da ‘civilização’, mas valorizando,

41 FIGUEIRÔA, 1997; ALMEIDA, 2004; SÁ, 2006; SANJAD, 2010; DUARTE, 2010; VERGARA, 2010; SILVA, 2011.

de maneira incongruente, as riquezas naturais, o exótico e o insólito de seus produtos e povos (Neves, 1986, 2001). Estudos posteriores seguiram percurso semelhante, como os de Pesavento (1994, 1997), Barbuy (1996, 1999), Araújo (1997), Heizer (2005) e Cizeron (2009), que analisaram essa autoimagem contraditória, a qual ressaltava os signos do ‘progresso’ em um país escravocrata e agroexportador. Questiona-se a eficácia comunicacional e os efeitos das mostras brasileiras – sempre recheadas de café, açúcar, minerais, madeiras, fibras e borracha – montadas em países que já passavam pela segunda revolução industrial, expandiam seus sistemas educacionais e científicos e se orgulhavam de exhibir toda sorte de máquinas e produtos manufaturados. Mesmo quando as exposições brasileiras destacavam avanços econômicos, grandes obras de engenharia e instrumentos científicos, na segunda metade do século XIX, estes eram valorizados juntamente com um discurso liberal-escravagista e, depois de 1888, com um discurso que distinguia o país como espaço natural a ser explorado.

Esse paradoxo de representação também foi evidente nos pavilhões brasileiros da mostra industrial turinesa. A abolição da escravidão e a Proclamação da República, no final do século XIX, o requalificaram, mas não o eliminaram, pois continuou perceptível no complexo expositivo montado para representar o país a cada mostra nacional e internacional das décadas de 1890 a 1920 (Cizeron, 2009; Rezende, 2010). Apesar das transformações sociais e políticas em curso nesse período, a estrutura econômica brasileira, de base agrícola e extrativista, permaneceu a mesma – e interpretada como ‘atrasada’ ou ‘primitiva’ quando comparada às economias industriais da Europa e da América do Norte. Nesse sentido, as questões da modernização econômica do país, tendo como referência a experiência histórica industrial do além-mar, e da construção de uma identidade nacional, que oscilava entre uma natureza profícua e uma sociedade a caminho da ‘civilização’, emergem como pontos de convergência na análise dos pesquisadores que se dedicaram à representação do Brasil nas exposições nacionais e internacionais até o início do século XX.⁴²

42 HARDMAN, 1988; OLENDER, 1992; WERNECK DA SILVA, 1996; KUHLMANN JR., 2001.

Nesse artigo, analisamos essas questões a partir da articulação ou da tensão entre o nacional e o regional, isto é, a partir de clivagens locais, levando em consideração a forma como as elites regionais representavam seus estados/províncias, muitas vezes em oposição ao poder central ou em competição com outros estados/províncias. Essa perspectiva demonstra que a representação do nacional é bem mais complexa do que muitos estudos transparecem, sobretudo os realizados somente com fontes produzidas por pessoas e instituições localizadas no Rio de Janeiro. Isso se torna particularmente relevante se levarmos em consideração não apenas a diversidade ambiental e social do Brasil, como também a diversidade de expectativas e projetos modernizantes gerados nos quatro cantos desse imenso país e que encontravam, na capital imperial/federal, um filtro seletor e uma arena de disputas políticas e ideológicas.⁴³

A participação do estado do Pará na mostra turinesa demonstra claramente as dificuldades do poder central em lidar com a diversidade regional brasileira, assim como a autonomia com que o governo paraense buscou resolver um problema de ordem estrutural da economia amazônica – e que, a princípio, deveria também ser objeto de preocupação do governo central. Na época, este se mostrava muito mais receptivo aos problemas dos produtores de café, o que não inviabilizou a concepção de projetos modernizantes locais, amazônicos, destinados a salvaguardar a fatia do mercado mundial de borracha ocupada por produtores brasileiros. O envolvimento de Huber na organização da mostra paraense foi parte de uma estratégia de ação definida pelo governador João Coelho, que desde o início evidenciou a necessidade de agregar à propaganda da borracha o prestígio e a autoridade de um cientista, de modo a dar credibilidade ao produto amazônico.⁴⁴ Huber, de fato, vinha defendendo, desde 1907, quando o preço da borracha amazônica foi bastante depreciado em razão do aumento da oferta pelos

43 ELKIN, 1999; COELHO, 2007, 2012; CUNHA, 2010; SANJAD, 2011.

44 COELHO, J. A. L. *Mensagem...*

produtores do Oriente, a tese de que o mercado estava se reestruturando, mas que haveria de manter uma posição segura para o produto local em razão de sua superior qualidade. Vários fatores naturais garantiam essa qualidade, como a avançada idade das árvores e a sua adaptação ao ambiente em que cresciam. Segundo ele, cabia aos governos amazônicos aperfeiçoar o modo de produção, sobretudo a sangria e a defumação, ambos considerados rústicos, e a produtividade, por meio da seleção de sementes e do incentivo à *plantation*, não em moldes ingleses, mas consorciando outras culturas para reduzir a dependência de uma única *commodity*.⁴⁵ Esta mesma mensagem era perceptível no *stand* da borracha em Turim, ali corroborada por uma instituição científica (o Museu Goeldi) e pelo júri internacional (presidido por Abreu).

Huber defendeu a tese da superioridade da borracha amazônica em todos os eventos em que tomou parte, como o Congresso Comercial, Industrial e Agrícola de 1910, realizado em Manaus, os Congressos Internacionais da Borracha de 1911 e 1912, realizados em Londres e em Nova Iorque, respectivamente,⁴⁶ e o Congresso de Defesa Econômica

45 HUBER, J. *A Seringueira (Hevea brasiliensis Müll. Arg.)*. Conselhos práticos para a sua cultura racional. Belém: Typ. e Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1907; HUBER, J. Cultura da seringueira. *A Lavoura Paraense*, ano 2, n. 3, p.149-154, 22 jun. 1908; n. 4, p.212-218, 31 out. 1908; n. 5, p.293-299, 15 nov. 1908; HUBER, J. O futuro da borracha amazônica. *A Lavoura Paraense*, ano 3, n. 11, p.192-195, 31 maio 1909; n. 12, p.263-267, 30 jun. 1909.

46 HUBER, J. The progress of the rubber industry in Pará. In: INTERNATIONAL RUBBER AND ALLIED TRADES EXHIBITION, 2., 24 jun. a 14 jul. 1911, London. *Official Guide Book and Catalogue...* London: Smiths Printing Company Limited, 1911, p.118-127; HUBER, J. Rubber trees and wild rubber reserves of the Amazon. In: TORREY, J.; MANDERS, A. Staines (eds.). *The Rubber Industry*. Being the Official Report of the Proceedings of the International Rubber Congress, London, 1911, held at the International Rubber and Allied Trades Exhibition, 24th June to 14th July. London: International Rubber and Allied Trades Exhibition, 1911, p.87-98; HUBER, J. The present and future of the native *Hevea* rubber industry. In: TORREY, J.; MANDERS, A. Staines (eds.). *The Rubber Industry*. Being the Official Report of the Fourth International Rubber Congress held in London in 1914, together with the papers read, and the discussions thereon... The principal papers read at the Rubber Congress, New York (1912). Also a report of the proceedings of the Fourth International Rubber and Allied Industries Exhibition, London, 1914. London: International Rubber and Allied Trades Exhibition, Ltd., 1915, p.377-384.

da Amazônia, realizado em Belém em 1913.⁴⁷ É possível imaginar a satisfação com que ele deve ter ouvido, no congresso de Londres, um dos conferencistas afirmar que o látex extraído de árvores mais velhas, como as amazônicas, era superior: “Rubber from older trees is better than that of young trees”. Na mesma página do diário, o comentário de Huber, também grifado: “Others agree”.⁴⁸ No relatório de sua célebre viagem ao Oriente, na qual embarcou logo após o encerramento da mostra turinesa, as mesmas questões aparecem, com destaque para a espécie ali cultivada, as condições do cultivo, a técnica de corte e a produtividade, sempre em comparação com o contexto amazônico.⁴⁹

Contudo, a posição defendida por Huber e o seu compromisso no desempenho de suas funções públicas não eram suficientes para alterar as relações de poder que, em última instância, travaram os ajustes no extrativismo amazônico, defendidos por muitos, desde o século XIX, como necessários ao desenvolvimento da economia regional. Nesse sentido, a agonia de Huber – que se queixava continuamente de uma depressão física e moral provocada pelo excesso de trabalho e pelos problemas que encontrava na lida diária – não é muito diferente da que foi experimentada por Emílio Goeldi, compelido a se envolver em problemas diplomáticos e a repetir *ad aeternum* o mantra em prol do museu que dirigiu entre 1894 e 1907 (Sanjad, 2009), ou por Oswaldo Cruz, o fundador do Instituto de Manguinhos em 1900, ou ainda por Henrique

47 HUBER, J. *O córte da seringueira*: confrontação dos processos amazonicos e orientaes. Conferencia feita sob os auspicios da Commissão de Defesa Economica da Amazonia (16 maio 1913). Pará: Livraria Universal – Tavares Cardoso & Ca., 1913; HUBER, J. *These V - Organização da Indústria Agrícola da Seringueira*. Monographia apresentada ao Congresso de Defesa Econômica da Amazônia. Pará: Livraria Universal - Tavares Cardoso & Ca., 1913.

48 Grifos do autor. Diário de Jacques Huber, 08 jul. 1911. Exposição Internacional da Indústria e do Trabalho, Turim, e Congresso Internacional da Borracha, Londres. Manuscrito. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo Jacques Huber, Série Diários e Cadernos de Campo.

49 HUBER, J. *Relatorio sobre o estado actual da cultura da Hevea brasiliensis nos principaes paizes de producção do Oriente apresentado ao Exm. Sr. Dr. João Coelho, M. D. Governador do Estado do Pará, pelo Dr. J. Huber*. Belém: Imprensa Official do Estado, 1912; CASTRO, 2013; CASTRO; SANJAD; ROMEIRO, 2009.

da Rocha Lima, que também padeceu das agruras de organizar uma exposição brasileira em terras estrangeiras, em 1907. Todos parecem ter sofrido do mal que Cukierman atribui a Rocha Lima quando da organização da seção brasileira na XIV Exposição de Higiene e Demografia, em Berlim: o “voluntarismo” ao enfrentar a falta de planejamento e previdência do Estado brasileiro, o que o teria deixado “à beira de um ataque de nervos” (Cukierman, 2007, p.325-326). Convém, contudo, observar com atenção as motivações desses cientistas.

No caso de Huber, pode-se afirmar que se envolveu em um duplo jogo político naqueles delicados anos em que o colapso da economia amazônica já se anunciava, embora todos desconfiassem de que isso fosse realmente acontecer. No primeiro deles, Huber ocupou-se integralmente de fazer a propaganda da borracha amazônica, isto é, de dar credibilidade ao produto, como queriam os governantes do Pará, de maneira que a borracha mantivesse sua competitividade e, conseqüentemente, o Museu Goeldi continuasse a receber investimentos públicos: no mesmo ano em que passou sete meses entre a Itália e a Inglaterra, ocupado de afazeres que ele mesmo considerava pouco científicos, foi inaugurado, no Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, um dos primeiros aquários públicos do Brasil, concebido pelo próprio Huber. Nesse aspecto, é significativo o discurso que ele pronunciou no banquete de encerramento da mostra brasileira em Turim, no qual mencionou deixar a cidade com três grandes satisfações. A primeira era a de não ter sido considerado um “estrangeiro entre brasileiros”, graças “à gentileza de vós todos que quereis considerar-me como um dos vossos”. A segunda provinha de sua qualidade de cientista, por ter testemunhado a ação de Costa Sena à frente da comissão brasileira. Segundo Huber, “os que pensavam que o trabalho do cientista consiste apenas em uma vida contemplativa e quieta, viram este representante da ciência [Costa Sena] assumir responsabilidades tremendas, vencer mil dificuldades e, com mão segura, conduzir os trabalhos ao esplêndido resultado que temos diante de nós”. Huber ressaltava, portanto, a função social dos cientistas, cujo papel político deveria ser reconhecido e valorizado pela sociedade nacional: “a ciência, se ela é internacional, também deve ser patriótica, não do

patriotismo de fanfarronadas e de provocações, mas do patriotismo dos sacrifícios, que em lugar de ofender, ganha simpatias e faz respeitar e amar a pátria”.

A terceira satisfação decorria do fato de ser diretor de um museu. A presença de Huber em Turim e a liderança do Museu Comercial do Rio de Janeiro na organização da mostra demonstravam que “os museus são instituições úteis e mesmo necessárias para o estudo e a propaganda das riquezas naturais dentro e fora do país”. Embora o Museu Goeldi tivesse uma “orientação predominantemente científica”, ele “não deixou de lado o estudo das questões práticas”. E mais: “Foi com certeza ao Museu Comercial e ao seu simpático representante [Figueira de Mello] que deve-se [sic] em grande parte o sucesso do Brasil na Exposição de Turim”. Em seguida, o brinde foi erguido aos cientistas brasileiros e ao Museu Comercial.⁵⁰ Configurava-se, assim, o jogo de trocas em que apostavam governo e cientistas. O primeiro demandava serviços que pareciam estranhos à profissão, enquanto os cientistas aproveitavam essas circunstâncias para valorizar seu trabalho, dar publicidade às suas instituições e angariar o necessário apoio às suas pesquisas e aos seus projetos (Lopes, 1997; Domingues, 1999).

Este, contudo, não era o único jogo do qual Huber participava. É possível vislumbrar, ainda, um segundo, que se desenrolava em outra dimensão. Ao ver-se enredado pelas demandas governamentais, Huber aparelhou-se para associar, às suas tarefas diplomáticas, a pesquisa que considerava importante para sua carreira científica. Ao mesmo tempo em que redigia ensaios e relatórios de caráter técnico, econômico ou mesmo político, usou sua *expertise* e as oportunidades que se abriram para desenvolver investigações e fazer contatos no meio científico. É possível arrolar exemplos, como as revisões taxonômicas dos gêneros gomíferos *Hevea*, *Manihot*, *Castilloa* e *Sapium*, publicadas por Huber a partir de 1897 em revistas brasileiras, alemãs, francesas e suíças. Essas pesquisas, aparentemente, não tinham aplicabilidade imediata, mas

50 HUBER, Jacques. Discurso pronunciado no encerramento da Exposição Brasileira em Turim. Sem data. Manuscrito. MPEG/AGLP.

foram fundamentais para a organização e delimitação de um campo de discussão, assim como para a obtenção de prestígio e autoridade científica. O jogo ou operação de troca consistia em empenhar o prestígio político que Huber gozava entre os governantes brasileiros, sobretudo quando atuava como delegado nos eventos internacionais, para obter visibilidade científica. Isso ocorreu em Turim, Londres e Nova Iorque. É desta última cidade que tomamos o exemplo mais evidente: delegado do país que (ainda) era o maior produtor de borracha do mundo, Huber foi o único cientista fora dos Estados Unidos e da Inglaterra a participar do Comitê de Nomenclatura reunido na Terceira Exposição Internacional da Borracha (1912). Nessa ocasião, submeteu a lista de classificação do gênero *Manihot* e obteve a aprovação por consenso.⁵¹

Os limites difusos entre comércio, política e ciência são parte do processo de institucionalização das ciências e da própria consolidação do Estado Nacional. Ao mesmo tempo em que o comércio justificava a existência de um museu de história natural, os cientistas que aí trabalhavam legitimavam os projetos governamentais e as demandas estatais. As exposições internacionais são momentos oportunos para vislumbrar essa associação de interesses, uma vez que estratégias diplomáticas eram claramente configuradas e a ação governamental ganhava uma racionalidade que não prescindia de cientistas e intelectuais, em geral. O caso aqui analisado, da representação do estado do Pará na grande mostra turinesa, demonstra como o Brasil e o Pará foram pensados e apresentados a um público estrangeiro, obedecendo a intenções previamente estabelecidas. Também demonstra como o discurso científico foi parte intrínseca do discurso político-econômico, sendo a ciência não apenas exposta ou exibida como trunfo nacional, mas também elemento constitutivo de uma visão de mundo burguesa, que tomava o 'progresso' como verdade e a 'ordem' como condição. Nessa percepção das coisas, a ciência tinha papel preponderante: era, simultaneamente, instrumento e produto, meio e fim.

51 THE INTERNATIONAL RUBBER EXPOSITION OF 1912. Colombo, Ceilão [Sri Lanka]: H. M. Richards, 1913.

Nesse contexto, a construção do nacionalismo emerge como chave para a compreensão das relações de poder que operavam no processo – e que resultavam no paradoxo de representação aqui mencionado. Duas perspectivas de análise podem ser identificadas. A primeira remete às diferenças políticas entre os estados brasileiros, assomadas na disputa por espaço, nos conflitos entre os delegados e nas tentativas de controlar postos ou funções importantes, e também na dificuldade, ou incapacidade, de uma ação mediadora do governo central diante da autonomia dos delegados estaduais, alguns deles com recursos financeiros para bancar o que o governo central não tinha condições ou interesse de fazê-lo. Essas diferenças internas são claras nas fontes aqui analisadas, seja nas críticas aos agentes do governo central ou nos reclames contra delegados de outros estados, acusados de omissos, irresponsáveis ou intrometidos, e certamente dificultaram bastante a realização da mostra brasileira em Turim. A proposta de Rezende em construir uma exposição nacional unificada, evitando assim a fragmentação do pavilhão brasileiro em vários *stands* estaduais independentes, como acontecera em exposições anteriores, acabou sendo realizada, mas não evitou os conflitos e a delimitação de ‘feudos’: o *stand* do café pertencia a São Paulo, o da borracha e da madeira, ao Pará, o dos minérios, a Minas Gerais, e assim por diante. Na sua posição de estrangeiro abrasileirado, ou seja, de observador privilegiado, Huber resumiu, em seu discurso de encerramento, o problema que aflorou quando os delegados dos vários estados brasileiros foram obrigados a conversar e negociar, sob um mesmo teto:

Esta exposição proporcionou-nos também o ensejo de enriquecermos os nossos conhecimentos do próprio país que temos a honra de representar, e isto não só quanto aos seus produtos, como também quanto aos seus filhos, nossos companheiros de trabalho.

O Brasil é um país tão vasto que o Sul ainda mal conhece o Norte e o Norte mal conhece o Sul. E para se conhecer, para se estimar, para apreender uns dos outros, os brasileiros do Sul e do Norte têm, às vezes, de encontrar-se em terra estranha, na luta pacífica das exposições internacionais. É

nestas ocasiões que se mostra o verdadeiro patriotismo, livre das preocupações políticas, que no próprio Brasil tantas vezes esterilizam os esforços dos seus filhos mais dignos.⁵²

Se, até aqui, vimos enfatizando a dificuldade em construir uma imagem da nação brasileira para apresentação no estrangeiro, causada pela própria fragmentação política do país ou pela falta de consenso e unidade de projeto político, a segunda perspectiva remete à invisibilidade da sociedade brasileira. Nesse aspecto, no caso de Turim, não havia falta de consenso, e sim um pacto, ainda que não declarado, no sentido de elidir a força de trabalho da narrativa expográfica. Seringueiros, camponeses, mineradores, artesãos, operários e nenhuma outra categoria profissional estavam representados na exposição brasileira, a não ser pelos objetos que suas mãos produziam – mas que eram identificados sob o nome das empresas ou de seus proprietários. As condições de vida dos trabalhadores e o modo de produção foram omitidos. O Brasil exibido em Turim, por meio de fotografias, fitas cinematográficas e impressos, era o dos portos e das grandes cidades, reformadas e higienizadas, e não o da vida interiorana, responsável pela produção das principais riquezas do país. Nem mesmo os imigrantes italianos compareceram à mostra, mesmo que um dos pavilhões tivesse sido planejado para abrigar o fruto de seu trabalho e, dessa maneira, comprovar a boa vida que gozavam e sua contribuição para o desenvolvimento do Brasil. Em resumo, pode-se dizer que, ao lado dos percalços do federalismo à brasileira, a república representada em Turim parecia não ter sociedade, rosto nem corpo. O Brasil ‘moderno’ e ‘civilizado’ parecia existir apenas no desejo de suas elites, cujo discurso agonizava quando se via compelida a representar a nação em exposições internacionais. As dificuldades enfrentadas pelos delegados paraenses para materializar uma imagem coerente do seu estado – aqui analisadas em detalhe – sugerem o quanto era difícil inventar um Brasil.

52 HUBER, Jacques. Discurso pronunciado no encerramento da Exposição Brasileira em Turim. Sem data. Manuscrito. MPEG/AGLP.

AGRADECIMENTOS

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre a carreira transnacional e a obra do botânico suíço Jacques Huber (1867-1914), desenvolvida no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (UFPA). As sugestões feitas pelos revisores anônimos e pelo Dr. Érico da Silva Muniz contribuíram para o aperfeiçoamento do texto. Somos gratos a todos e assumimos a responsabilidade por eventuais falhas e equívocos. NS agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de Estágio Pós-Doutoral no Exterior (2013-2014). ARMC agradece ao Programa de Capacitação Institucional do MPEG pela bolsa DTI (2011-2013). Esta pesquisa é realizada com o apoio da Família Huber e de parceiros suíços. Somos particularmente gratos ao Dr. Martin Huber, ao Dr. Marcel Güntert, ao Naturhistorisches Museum der Burgergemeinde Bern e à Fundação Emilia-Guggenheim-Schnurr.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marta. *Da Cordilheira dos Andes à Isla de Cuba, passando pelo Brasil: os congressos médicos latino americanos e brasileiros (1888-1929)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *D'une nature à l'autre: technique, construction de l'espace et transformation sociale (Brésil, 1850-1910)*. Tese (Doutorado em Estudos Latino-americanos) – Université de Paris VII. Paris, 1997.
- BARBUY, Heloisa. *A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista*, vol. 4, p.211-261, 1996.
- CASTRO, Anna Raquel de Matos. *Do ponto de vista do cientista: Jacques Huber e a borracha na Amazônia (1907-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

- CASTRO, Anna Raquel de Matos; SANJAD, Nelson; ROMEIRO, Doralice dos Santos. Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre a cultura das heveas no Oriente (1911-1912). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, vol. 4, n. 3, p.503-545, 2009.
- CIZERON, David. *Les representations du Brésil lors des Expositions Universelles*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- COELHO, Anna Carolina de Abreu. O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889: um lugar na retrospectiva das habitações humanas. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*, vol. 3, p.98-112, 2012.
- COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Santa-Anna Nery: um propagandista "voluntário" da Amazônia (1883-1901)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.
- CUKIERMAN, Henrique. *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a História da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Faperj/Relume Dumará, 2007.
- CUNHA, Cinthia da Silva. *As exposições provinciais do Império: a Bahia e as exposições universais (1866 a 1888)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.
- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. As demandas científicas e a participação do Brasil nas Exposições Internacionais do século XIX. *Quipu*, vol. 12, n. 2, p.203-215, 1999.
- DUARTE, Regina Horta. *A Biologia Militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil, 1926-1945*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- ELKIN, Noah Charles. *Promoting a New Brazil: National Expositions and Images of Modernity, 1861-1922*. Tese (Doutorado em História) – Rutgers University. New Jersey, 1999.
- FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. *A formação das ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a Ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- HEIZER, Alda Lucia. *Observar o Céu e medir a Terra: instrumentos científicos e a Exposição de Paris de 1889*. Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- KUHLMANN JR., Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- NEVES, Margarida de Souza. A “Máquina” e o Indígena: o Império do Brasil e a Exposição Internacional de 1862. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001. p.173-206.
- NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso: o Brasil nas Exposições Internacionais*. Rio de Janeiro: PUC-RJ/Finep/CNPq, 1986.
- OLENDER, Marcos. *No livro do futuro: das primeiras tentativas de exposições industriais no Império do Brasil no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal da Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*, vol. 2, p.151-167, 1994.
- REZENDE, Livia Lazzaro. *The raw and the manufactured: Brazilian modernity and national identity as projected in international exhibitions (1862-1922)*. Tese (Doutorado em Design) – Royal College of Art. London, 2010.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907*. Brasília: IBRAM/MPEG/Fiocruz, 2010.
- SANJAD, Nelson. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*, vol. 19, p.133-164, 2011.
- SANJAD, Nelson. *Emílio Goeldi (1859-1917): a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil*. Rio de Janeiro: EMC, 2009.

- SILVA, André Felipe Cândido da. *A trajetória científica de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2011.
- VERGARA, Moema de Rezende. Ciências, fronteiras e nação: comissões mistas de demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, vol. 5, n. 2, p.345-361, 2010.
- WERNECK DA SILVA, José Luís. *As arenas pacíficas do progresso: as Exposições Universais Internacionais do século XIX. A circulação transoceânica de ideias e técnicas e a participação do Império do Brasil na Exposição Universal Internacional de Paris de 1889*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1996.